

# Os nomes dos títulos dos Evangelhos designam os seus autores?

*"Conhecereis a verdade e a verdade vos libertará." (JESUS).*

## Introdução

Sempre estamos às voltas com pessoas muito crédulas, que acham que os nomes que constam dos títulos dos Evangelhos designam os seus autores. Em razão disso acreditam, também, que os personagens Mateus e João faziam parte daquele grupo de doze apóstolos que conviveram com o Mestre de Nazaré, e que foram, portanto, "testemunhas oculares dos eventos relatados" (<http://www.estudosdabiblia.net/bd75.htm>). Não raras vezes, também ouvimos palestrantes espíritas referindo-se aos dois autores como apóstolos de Jesus. Percebemos que, mesmo que imbuídos de muita boa vontade, falta a ambos o conhecimento do que a crítica moderna pensa sobre as reais epígrafes dos Evangelhos.

Queremos, logo de início, ressaltar que não estamos pretendo ser melhor do que ninguém e, muito menos, por conta disso, condenar a quem quer que seja; nossa intenção é a de, simplesmente, repassar o que descobrimos em nossas pesquisas.

O que nos fez aflorar irresistível curiosidade de pesquisar o assunto, foi o teor do seguinte passo:

*Atos 4,13: "Ao verem a intrepidez de Pedro e João, sabendo que eram homens iletrados e incultos, admiraram-se; [...]."*

Como João, a exemplo de Pedro, um homem "iletrado e inculto", poderia escrever um Evangelho tão rebuscado como o atribuído a ele? Fora isso, ainda se percebe nele um palavreado bem acima do que se poderia esperar para um simples pescador (Mt 4,18-22), sem que, com isso, queiramos desmerecê-lo; mas é fato. Essa mesma linha de raciocínio deve-se aplicar também a Pedro, já que, no Novo Testamento, existem duas cartas atribuídas a ele. Quanto a João, além do seu Evangelho, existem duas cartas e o Apocalipse que são atribuídos a ele. Em relação ao Apocalipse, veja-se, mais à frente, o que diz Pepe Rodríguez (1953- ).

Foi exatamente em Pepe Rodríguez, destacado jornalista de investigação, autor do livro *Mentiras fundamentais da Igreja Católica, como a Bíblia foi manipulada*, que percebemos não estamos sozinhos nessa forma de ver:

Com efeito, mesmo sendo-se profano na matéria, imagina-se dificilmente como é que um pescador de carácter violento <sup>(1)</sup> e, ainda por cima, inculto como era o apóstolo João possa ter escrito textos tão brilhantes e intelectuais como os joânicos, por muita *inspiração divina* que se lhe queira acrescentar. É evidente

---

1 Recordemos que Jesus lhes chamava, a ele a seu irmão Tiago, de *Boanerges*, ou seja, os "tempestuosos", ou "filhos do trovão" (Mc 3,17). (nota da transcrição).

que os peritos não se ficaram pelas simples suspeitas. [...]. (2)

Aliás, sempre estamos dizendo que só acreditam que ele foi o autor do quarto Evangelho, as pessoas que não buscam nenhuma informação fora daquilo que a sua Igreja lhe recomenda. São, como se diz: “ouvintes de um só sino”; e, por isso, não têm a mínima condição de saber se o sino que ouvem está afinado ou não.

### Como e quando foram escolhidos

As informações que encontramos não podemos deixar de repassá-las, por serem muito curiosas e, certamente, não julgávamos que o critério de escolha dos quatro Evangelhos tivesse ocorrido de forma tão inusitada. O problema é que, distanciados que estamos das origens dos fatos, a maioria de nós, não faz a menor ideia de como isso ocorreu. Aliás, muitos pensam até que o Novo Testamento, no qual estão contidos os Evangelhos, sempre foi, desde o “nascido”, da forma como o conhecemos hoje. Julgam-no nesse formato desde logo após a morte de Jesus.

Vejamos, segundo alguns estudiosos, como ocorreu a escolha dos quatro evangelhos.

O escritor Tom Harpur (1929- ), em *Transformando água em vinho: uma visão profunda e transformadora sobre os Evangelhos*, apresenta-nos algo bem curioso:

Por que a Igreja escolheu quatro Evangelhos, e não três ou seis ou oito? Irineu, bispo de Lyon por volta de 190 d.C., disse que os Evangelhos tinham de ser quatro porque há quatro ventos e quatro direções. Geralmente, os estudiosos sorriem com indulgência diante dessa explicação, mas há um motivo sólido, embora esotérico, por trás da escolha. Para os antigos, o número quatro era fundamental em toda a estrutura da vida e do Universo. O quadrado, com seus quatro lados, era a base de qualquer outra elaboração em todos os edifícios, inclusive as Pirâmides. Havia quatro estágios principais da evolução: mineral, vegetal, animal e humano. Além disso, havia os quatro elementos básicos: água, terra, ar e fogo. [...]. (grifo nosso). (3)

Pepe Rodríguez nos dá a seguinte informação:

A seleção dos evangelhos canônicos foi feita no concílio de Niceia (325) e ratificado no de Laodiceia (363). O *modus operandi*, ou o processo utilizado, para distinguir entre textos *verdadeiros* e *falsos*, foi, segundo a tradição, o da “eleição milagrosa”. Foram apresentados, de facto, quatro versões para justificar a preferência pelos quatro livros canônicos: 1) depois de os bispos terem rezado muito, os quatro textos voaram por si sós e foram pousar-se sobre um altar; 2) puseram todos os evangelhos em competição sobre um altar e os apócrifos caíram ao chão, enquanto os canônicos não se mexeram; 3) depois de escolhidos, os quatro foram colocados sobre o altar e foi pedido a Deus que se neles houvesse qualquer palavra falsa os fizesse cair ao chão, o que não sucedeu com nenhum deles; 4) o Espírito Santo, na forma de uma pomba, penetrou no recinto de Niceia e pousando no ombro de cada bispo sussurrou a cada um deles quais eram os evangelhos autênticos e quais os apócrifos. Esta última versão revelaria, além do mais, que uma boa parte dos bispos presentes no concílio eram surdos ou muito incrédulos, visto ter havido grande oposição à selecção – por voto maioritário, que não unânime – dos quatro textos canônicos actuais. (grifo nosso). (4)

Juan Arias (1932- ), escritor e jornalista, cursou teologia, filosofia, psicologia, línguas

2 RODRÍGUEZ, 2007, p. 76.

3 HARPUR, 2010, p. 27-28.

4 RODRÍGUEZ, 2007, p. 68.

semíticas e filosofia comparada na Universidade de Roma, tendo sido, durante quatorze anos, correspondente na Itália e no Vaticano para o jornal espanhol *El País*, em sua obra *Jesus esse grande desconhecido*, confirma essa informação de Rodríguez, falando a mesma coisa:

A história de como os quatro evangelhos de Marcos, Mateus e Lucas e João foram escolhidos pela Igreja como autênticos e inspirados dentre os mais de cem que então existiam é muito interessante. Um dos critérios da escolha foi o dos milagres. Segundo a Igreja, alguns dos prodígios dos evangelhos apócrifos eram pouco sérios ou muito fantasiosos. Mas houve outros motivos para decidir que somente os quatro evangelhos escolhidos tinham sido inspirados pelo Espírito Santo e os outros não.

Os quatro foram escolhidos entre cerca de sessenta. Santo Irineu, no ano 205, assim o explicou: "O Evangelho é o pilar da Igreja. A Igreja está espalhada pelo mundo inteiro e o mundo tem quatro regiões. Convém, portanto que existam quatro evangelhos". E também: "O Evangelho é o sopro do vento divino da vida para os homens, e, assim como existem quatro pontos cardeais, também devem existir quatro evangelhos". Além disso, "o Verbo criador do Universo reina e brilha sobre os querubins, e os querubins têm quatro formas, por isso o Verbo obsequiou-nos com quatro evangelhos". Curiosamente, os quatro escolhidos só foram aceitos pelos Padres da Igreja pouco antes de serem declarados inspirados.

A decisão oficial foi tomada no Concílio de Niceia do ano 325, graças a um milagre, como se conta na obra intitulada *Libelus syndicus*. O milagre foi que, dentre todos os evangelhos que existiam, os quatro que conhecemos hoje como inspirados foram voando sozinhos até o altar.

Outra versão diz que colocaram todos os evangelhos existentes sobre o altar e os apócrifos foram caindo no chão, só permanecendo os quatro escolhidos como autênticos. Uma terceira versão conta que o Espírito Santo entrou no Concílio de Niceia sob a forma de pomba através de uma janela, sem quebrar o vidro. Lá estavam reunidos todos os bispos. A pomba pousou no ombro de cada bispo, dizendo-lhe ao ouvido em voz baixa quais eram os quatro evangelhos inspirados. E eram os de Marcos, Mateus, Lucas e João. (grifo nosso).<sup>(5)</sup>

Tudo isso pode, ainda, ser corroborado em Maria Helena de Oliveira Tricca (1940-1997), na obra *Apócrifos: Os proscritos da Bíblia, vol. I*, (p. 13), que cita como sua fonte Fabricius, J. A. - *Codex Apocryphus Novi Testamenti* (Hamburgo, 1719).

E temos a informação, muito oportuna, de que:

[...] a escolha de quatro Evangelhos oficiais, de entre os cerca de trezentos existentes nessa altura na Igreja; foi também ordenado que os restantes Evangelhos, incluindo o de Barnabé, fossem completamente destruídos, assim como os Evangelhos escritos em Hebraico; foi ainda publicado um édito, declarando que quem fosse encontrado na posse de um Evangelho não autorizado seria condenado à morte. [...]. (grifo nosso).<sup>(6)</sup>

Não há dúvida alguma de que foi, literalmente, queima de arquivo.

São três fontes distintas confirmando a mesma história; porém, seja lá qual tenha sido o processo de escolha, dentre os mencionados, não nos resta dúvida de que os teólogos que os escolheram não se pautaram por nenhum critério técnico, mas, literalmente, apelaram para a sorte. Mesmo assim, as igrejas querem fazer-nos acreditar que foram inspirados.

E, quanto ao Novo Testamento em si, vejamos o testemunho de Bart D. Erhman (1955- ), ex-evangélico, considerado o maior especialista em Novo Testamento da atualidade:

5 ARIAS, 2001, p. 34-35.

6 UR-RAHIM, 1995, p. 49-50.

[...] Hoje, muitos cristãos podem achar que o cânon do Novo Testamento simplesmente surgiu um dia, logo, após a morte de Jesus... nada mais distante da verdade. Tendo isso claro, podemos identificar a primeira vez em que um cristão listou os vinte e sete livros do nosso Novo Testamento – nem mais, nem menos. Por mais surpreendente que possa parecer, esse cristão escrevia na segunda metade do século IV, mais ou menos trezentos anos depois que os livros do Novo Testamento tinham sido escritos. O autor foi um poderoso bispo de Alexandria chamado Atanásio. No ano 367 E.C., Atanásio escreveu uma carta pastoral anual às igrejas egípcias sob sua jurisdição e, nela, incluiu um conselho acerca de quais livros deveriam ser lidos como escrituras nas igrejas. Ele relaciona nossos vinte e sete livros, com exclusão de todos os demais. Essa é a primeira instância que chegou ao nosso conhecimento de alguém declarando que esse nosso conjunto de livros era o Novo Testamento. (grifo nosso). (7)

Então, concluímos que mesmo depois da escolha dos quatro evangelhos, levou-se algum tempo para que o cânon do Novo Testamento fosse definido no formato que o conhecemos hoje.

### Os Evangelhos atuais são oriundos dos textos originais?

Esse é outro ponto importante a ser esclarecido, porquanto, nas traduções e nas pregações dos líderes religiosos das correntes cristãs tradicionais isso é afirmado e reafirmado sem o menor constrangimento.

Juan Arias, sem meias palavras, diz: “Em primeiro lugar, as versões originais não existem” (ARIAS, 2001, p. 38).

O professor Julio Treballe Barrera (? - ), doutor em teologia, licenciado em Filosofia Pura e Ciências Bíblicas, informa-nos que “Os autógrafos dos livros do NT perderam-se para sempre”. (BARRERA, 1999, p. 398).

O ex-evangélico Bart D. Ehrman (1955- ), considerado a maior autoridade em Bíblia do mundo, Ph.D. em Teologia pela *Princeton University*, especialista em Novo Testamento, igreja primitiva, ortodoxia e heresia, manuscritos antigos e na vida de Jesus, afirma em seu livro *O que Jesus disse? O que Jesus não disse?*, afirma o seguinte:

[...] Eu sempre voltava a meu questionamento básico: de que nos vale dizer que a Bíblia é a palavra infalível de Deus se, de fato, não temos as palavras que Deus inspirou de modo infalível, mas apenas as palavras copiadas pelos copistas – algumas vezes corretamente, mas outras (muitas outras!) incorretamente? De que vale dizer que os autógrafos (isto é, os originais) foram inspirados? Nós não temos os originais! O que temos são cópias eivadas de erros, e a vasta maioria delas são centúrias retiradas dos originais e diferentes deles, evidentemente, em milhares de modos. (grifo nosso). (8)

[...] Uma coisa é dizer que os originais foram inspirados, mas a verdade é que não temos os originais. Então, dizer que eles foram inspirados não me serve de grande coisa, a não ser que eu possa reconstruir os originais. E além disso, a vasta maioria dos cristãos, em toda a história da Igreja, não teve acesso aos originais, fazendo de sua inspiração um objeto de controvérsia. Nós não apenas não temos os originais, como não temos as primeiras cópias dos originais. Não temos nem mesmo as cópias das cópias dos originais, ou as cópias das cópias das cópias dos originais. O que temos são cópias feitas mais tarde, muito mais tarde. Na maioria das vezes, trata-se de cópias feitas séculos depois. E todas elas diferem umas das

7 EHRMAN, 2006, p. 46.

8 EHRMAN, 2006, p. 17.

outras em milhares de passagens. (grifo nosso). (9)

Na *Bíblia de Jerusalém*, ao se introduzir os evangelhos sinópticos – Mateus, Marcos e Lucas, os tradutores colocam várias considerações; dentre elas, destacamos:

[...] Conhecemos atualmente mais de 2000 manuscritos gregos escritos em pergaminho que nos dão o texto dos evangelhos sinópticos, escalonando-se entre o quarto e o décimo séculos. Todos esses manuscritos oferecem entre si variantes de minúcias. Os textos que usamos atualmente, seja para estudar os Sinóticos, seja para traduzi-los nas línguas modernas, são os dois mais antigos desses manuscritos: o Sinaítico, proveniente do mosteiro de Santa Catarina do Sinai, hoje conservado do Museu Britânico, e sobretudo o Vaticano, conservado na Biblioteca Vaticana. Ambos são datados de meados do séc. IV. [...] (grifo nosso). (10)

Vê-se, portanto, que embora dizendo que as traduções são fiéis aos originais, esses originais, nos quais se baseiam, não são, verdadeiramente, originais, pois nenhum dos seus autores, sejam eles quem forem, viveu até o século IV para contar a história que consta dos Evangelhos.

Sobre a quantidade de manuscritos, julgamos por bem colocar esta informação de Barrera:

O NT teve uma influência sobre a cultura do Ocidente muito superior a qualquer outro livro da Antiguidade. Seu texto, por isso, nos chegou com uma quantidade de cópias incomparavelmente maior do que nenhuma outra obra do mundo clássico. Conhecem-se cerca de 5.000 manuscritos gregos do NT, aos quais é preciso acrescentar uns 10.000 manuscritos das distintas versões antigas, assim como milhares de citações nos Padres da Igreja. Todo esse material (manuscritos, versões e citações) contém um número de variantes calculado entre 150.000 a 250.000 ou até maior. Não existe uma só frase do NT que a tradição manuscrita não tenha transmitido com alguma variante. (grifo nosso). (11)

Como trabalhar num emaranhado desse? Além disso, sabe-se que não deixaram de sofrer acréscimos:

[...] Também é certo que a ortodoxia da Grande Igreja tendia a eliminar ou a modificar aquelas expressões que por alguma razão resultavam inaceitáveis, e a introduzir, ao invés, no texto, novos elementos com o fim de apoiar uma determinada doutrina, prática litúrgica ou costume moral. (grifo nosso). (12)

Bom, a pergunta é: será que os textos atuais refletem mesmo os que foram escritos pelos seus autores?

Algo sobre os seus autores

Dividiremos esse tópico em dois; no primeiro trataremos o que alguns tradutores disseram e depois o que estudiosos e exegetas pensam a respeito disso ou de alguma outra coisa relacionada ao conteúdo dos evangelhos.

9 EHRMAN, 2006, p. 20.

10 *Bíblia de Jerusalém*, p. 1691.

11 BARRERA, 1999, p. 396.

12 BARRERA, 1999, p. 488.

## 1º) Tradutores

Vejamos, primeiramente, o que se pode encontrar entre as opiniões dos tradutores, obviamente, daqueles que nos dão elementos para sairmos da influência dogmática, quanto às suas origens, ainda que alguns tentem justificar o que lhes veio por tradição. Sobre isso, é melhor vermos o que diz Pepe Rodríguez:

Quase a metade (mais exatamente, 44 por cento) dos textos do Novo Testamento pertencem aos quatro Evangelhos canônicos – Mateus, Marcos, Lucas e João. Basicamente, o que contam é a história de Jesus, a sua biografia, os seus actos e as suas palavras. As contradições existentes entre eles, inclusivamente em aspectos fundamentais da vida de Jesus e do seu ensinamento, chegaram a ser tão profundas e evidentes que os seus tradutores católicos não tem outra saída senão a de culpar a “tradição oral” pelas “diferenças que a cada passo se verificam, não só ao nível do plano geral e do agrupamento das ocorrências e dos discursos, mas igualmente ao nível da construção da própria narrativa. [...]” (grifo nosso). <sup>(13)</sup>

Portanto, quando apelam para a “tradição oral”, estão querendo amenizar as contradições existentes entre os Evangelhos.

### a) Luís Alonso Schökel (1920-1998), tradutor da *Bíblia do Peregrino*:

**Mateus:** A tradição antiga atribuiu este evangelho a Mateus apóstolo; tal atribuição considera-se hoje bastante duvidosa. A notícia de Pápias, recolhida por Eusébio, segundo a qual Mateus compilou oráculos em hebraico (ou aramaico), não merece crédito. O autor deste evangelho deve ter sido um judeu helenista, que cita o AT, os LXX. Data provável: a década de 80-90. Lugar provável: alguma cidade da Síria, p. ex. Antioquia. (grifo nosso). <sup>(14)</sup>

**Marcos:** Desde sempre, este evangelho se chamou “segundo Marcos”. Uma velha tradição ou lenda, transmitida de segunda mão, faz do autor um discípulo de Pedro, de quem teria recolhido a informação sobre Jesus. Outros tentaram identificar o autor com a personagem de nome Marcos, que figura nos Atos (12,12; 13,5.13) e envia saudações em Cl 4,10 e 1Pd 5,13, mas, sendo Marcos um nome corrente na época, a identificação é incerta. (grifo nosso). <sup>(15)</sup>

**Lucas:** A tradição intitulou este evangelho “segundo Lucas”. O nome aparece em Fm 24 e 2Tm 4,11, como em Cl 4,14. A identificação com Lúcio (Loukios) de At 13,1 e Rm 16,21 é pouco provável. O autor tem notícia da destruição de Jerusalém, mas não da perseguição de Domiciano; parece viver a tensão crescente e a rejeição próxima por parte da sinagoga. Esses dados seguem como data de composição a década 80-90. (grifo nosso). <sup>(16)</sup>

**João:** Uma tradição antiga identificou o autor como o apóstolo João, o “discípulo espiritual”. Hoje é muito difícil manter essa opinião. A maioria dos comentaristas considera esse Evangelho como obra de um discípulo de João, uma geração mais tarde. Por sua familiaridade com o AT e o sabor semítico do seu estilo, deve ter sido judeu. Várias notícias do relato parecem referir-se à expulsão dos cristãos da sinagoga (ver 9,22; 12,42 e 16,2). Propõe-se como data provável de composição a última década do século, e Éfeso como lugar razoável. (grifo nosso). <sup>(17)</sup>

### b) Frei Mateus Hoepers (1898-1983), tradutor do Novo Testamento da *Bíblia Sagrada Vozes*:

**Mateus:** Desde o II século a tradição atribui o primeiro evangelho a Mateus, o cobrador de impostos chamado a seguir Jesus (Mt 9,9-17). Tal tradição repousa

13 RODRÍGUEZ, 2007, p. 69.

14 Bíblia do Peregrino, p. 2318.

15 Bíblia do Peregrino, p. 2393.

16 Bíblia do Peregrino, p. 2449.

17 Bíblia do Peregrino, p. 2544.

no testemunho de Pápias (ca. 135 d.C.), segundo o qual “Mateus ordenou os ditos (logia) em dialeto hebraico e cada um os traduzia conforme era capaz”. O atual evangelho de Mt, cujo original foi escrito em grego, seria portanto uma tradução livre do original aramaico. Mas a crítica não aceita uma identificação substancial entre o Mt aramaico e o Mt grego. Consequentemente o evangelho de Mt não pode ser obra de um discípulo direto de Jesus (de Levi = Mateus). A tônica didática não-biográfica e impessoal de Mt, sua teologia pós-apostólica e sua dependência de Mc, são incompreensíveis numa testemunha ocular. (grifo nosso). <sup>(18)</sup>

Marcos: Como os outros evangelhos, também o segundo evangelho foi no início publicado anonimamente. Baseada no testemunho de Pápias (135 d.C.), a tradição é unânime em atribuí-lo a um certo Marcos. Este Marcos provavelmente era um judeu-cristão que gozava de muita autoridade na comunidade; alguém que emigrou da Palestina para Roma, passando para a missão gentio-cristã (cf. 7,1-8,9; 13,10; 14,9). Em geral é identificado com João Marcos em cuja casa Pedro se refugiou (At 12,12). [...]

Pápias apresenta Marcos como “intérprete” de Pedro, o que não se deve entender como tradutor, mas como expositor da pregação do apóstolo. O exame interno do evangelho mostra, porém, que Mc depende de tradições múltiplas e não apenas de uma possível tradição petrina.

Mc escreve o evangelho para cristãos ainda ligados a uma origem palestinese, mas comprometidos com a missão entre os pagãos e com a Igreja formada de judeus e gentios. Segundo a tradição, Mc compôs o evangelho em Roma. Mas alguns críticos acham que o evangelho poderia ter sido escrito em qualquer parte do império romano, sobretudo no Oriente. A opinião mais comum situa a composição de Mc entre 65 e 70 d.C. Não há argumentos decisivos para datá-lo após 70. (grifo nosso). <sup>(19)</sup>

João: Desde o testemunho de Ireneu de Lião (180 d.C.) a tradição da Igreja antiga atribuiu a autoria do 4º evangelho ao apóstolo João, filho de Zebedeu. O exame interno do evangelho, porém, não permite concluir que o apóstolo tenha redigido o texto atual. Devemos admitir, contudo, que a figura de João esteja intimamente ligada à origem e ao desenvolvimento dessa obra. [...] (grifo nosso). <sup>(20)</sup>

#### c) Joaquim de Arruda Zamith (?-), tradutor do Evangelho de João na *Bíblia de Jerusalém*:

João: Qual é o autor do quarto evangelho? Ou, antes, quais são os autores, uma vez que esse evangelho provavelmente se formou em etapas sucessivas? É difícil responder. O nome daquele que fez a última redação nos é desconhecido. É possível, todavia, determinar sua personalidade: era judeu-cristão que se esforçou para rejeitar o evangelho por meio de retoques de amplitude menor. [...]

Mesmo abstraindo dos retoques feitos pelo último redator, pode-se manter um laço estreito entre o quarto evangelho e o apóstolo João? O autor mais antigo que afirma explicitamente isso é santo Ireneu de Lião; “Em seguida, João, o discípulo do Senhor, o mesmo que repousou sobre seu peito, publicou também um evangelho durante sua estada em Éfeso. Numerosos autores eclesiásticos antigos admitiram isso sem dificuldade. [...] Tal identificação, porém, apresenta dificuldades. Até entre os católicos, autores como Raymond Brown e R. Schnackenburg, depois de a terem admitido, terminaram por abandoná-la. Certamente não o fizeram sem razões sérias. Seria verossímil que, ao escrever seu evangelho, João apóstolo omitisse o relato de certas cenas as quais havia assistido, cenas tão importantes como a ressurreição da filha de Jairo (Mc 5,37), a transfiguração (Mc 9,2), a instituição da eucaristia (Mc 13,17s), a agonia de Jesus no Getsêmani (Mc 14,33)? Também foi objetado o fato de que, segundo certos testemunhos aos quais aludem muitos textos litúrgicos, João apóstolo teria morrido mártir em data relativamente antiga, e que, portanto, não teria podido escrever o evangelho que leva seu nome. [...]. (grifo nosso). <sup>(21)</sup>

#### d) Missionários Capuchinhos de Portugal, elaboradores da *Bíblia Sagrada Santuário*:

18 Bíblia Vozes, p. 1176.

19 Bíblia Vozes, p. 1212-1213.

20 Bíblia Vozes, p. 1271.

21 Bíblia de Jerusalém, p. 1839.

Mateus: Entretanto, a opinião mais corrente pensa que Mateus não escreveu este livro tal qual o leitor o tem diante de si. Mateus teria escrito em aramaico (a língua de Jesus) uma coleção de sentenças proferidas pelo Senhor. Essa obra primitiva teria sido largamente ampliada e transferida para o grego – única língua em que possuímos o texto original de Mateus. Tal refundição, efetuada por um ou mais cristãos, talvez da classe dirigente, é o atual Evangelho Segundo Mateus. [...]. (grifo nosso). <sup>(22)</sup>

Geralmente o tradutor quer se manter alinhado com o pensamento teológico da Igreja da qual faz parte; por isso, o testemunho deles, especialmente quando contrário a algum ponto doutrinário, torna-se importante para o conjunto de provas de que os nomes dos títulos não são os dos autores dos evangelhos.

## 2º) Estudiosos e exegetas

Vamos trazer alguns estudiosos e exegetas para vermos o que pensam a respeito dos autores e de outros importantes pontos dos evangelhos.

### a) Léon Denis (1846-1927):

A. Sabatier, diretor da seção dos Estudos superiores, na Sorbona, “Os Evangelhos Canônicos”, pág. 5. A Igreja sentiu a dificuldade em encontrar novamente os verdadeiros autores dos Evangelhos. Daí a fórmula por ela adotada: Evangelho segundo... (grifo nosso). <sup>(23)</sup>

Caso haja dúvida sobre o que Denis aqui informa, por ter sido ele um escritor espírita, sugerimos uma consulta direta na obra por ele mencionada.

### b) Pepe Rodríguez:

A primeira coisa que salta à vista, quando nos abeiramos do Novo Testamento, é o facto de os textos que o compõem serem tão tardios. Só começaram a ser escritos num período compreendido entre o último quartel do século I d.C e o primeiro quartel do século II d. C., à excepção das epístolas de Paulo, escritas entre 51 e 67 d.C. Mas o que parece ainda mais incompreensível e absurdo é que quem tinha muito para testemunhar nada escreveu, ou quase nada, enquanto os que nada tinham para testemunhar acabaram sendo os redactores da maior parte dos textos do cânone neotestamentário. É tão ilógico como se uma dezena de historiadores ou de jornalistas (que, propagandistas como eles, eram os apóstolos ou enviados), presente no momento em que se estava a dar o maior prodígio da história humana, tivessem ficado totalmente calados e o ocorrido não tivesse de qualquer modo ficado documentado e só tivesse sido dado a conhecer quarenta anos depois, e, ainda e apenas, através de escritores desvalorizados de um par de ajudantes de duas dessas supostas testemunhas privilegiadas. Senão vejamos:

O Evangelho de Marcos é o documento mais antigo de que dispomos sobre a vida de Jesus. Ora, Marcos não foi discípulo de Jesus, nem o conheceu pessoalmente. O que sabe sobre ele foi o que, depois da crucificação, ouviu a Pedro nas prédicas públicas. O Evangelho de Lucas e os Actos, do mesmo autor, são documentos fundamentais para conhecer a origem e o desenvolvimento da Igreja primitiva. Ora, Lucas não foi apóstolo. Também ele escreveu de ouvir dizer. Compôs os seus textos a partir de passagens que plagia de documentos anteriores e de diversas proveniências. E, por outro lado, do que havia escutado de Paulo, que não só não fora discípulo de Jesus, como até 37 d.C. – um ano depois da crucificação de Jesus – se revelara um perseguidor fanático e tenaz do cristianismo nascente.

Mateus, pelo contrário, foi apóstolo. Porém, uma parte do seu

---

22 Bíblia Santuário, p. 1434.  
23 DENIS, 1987, p. 26.



Evangelho foi escrita a partir de documentos anteriores redigidos por um outro Marcos que, esse, não fora apóstolo. Resta João Zebedeu que foi, também ele, apóstolo. Acontece, contudo, que o Evangelho de João e o Apocalipse não são obra sua, mas de um outro João. Foram escritos por um tal João, o *Ancião*, um grego cristão que se baseou não só em textos hebreus e essênios, como nas recordações que conseguiu obter de João, o *Sacerdote*, identificado como “o discípulo amado” de Jesus (mas que não é João Zebedeu), um sacerdote judeu muito amigo de Jesus que foi viver para Éfeso e onde veio a morrer em idade muito avançada. [...]. (grifo nosso). <sup>(24)</sup>

[...] Porém, como mostrámos no seu devido momento, o texto do Evangelho de João, escrito pelo grego João, o *Ancião*, em princípios do século II, revela um Jesus absolutamente deformado, que fala com uma prepotência descarada, contrariamente à humildade que o caracteriza nos relatos dos três sinóticos. [...]. (grifo nosso). <sup>(25)</sup>

#### c) Bart D. Ehrman:

Embora evidentemente não seja o tipo de coisa que os pastores costumem contar às suas congregações, há mais de um século existe um forte consenso de que muitos dos livros do Novo Testamento não foram escritos pelas pessoas cujos nomes estão ligados a eles. [...].

[...].

Por que surgiu a tradição de que esses livros foram escritos por apóstolos e por companheiros dos apóstolos? Em parte de modo a garantir aos leitores que eles foram escritos por testemunhas oculares e companheiros das testemunhas oculares. Uma testemunha ocular merece a confiança de que iria contar a verdade sobre o que realmente aconteceu na vida de Jesus. Mas a realidade é que não é possível confiar em que as testemunhas ofereçam relatos historicamente precisos. Elas nunca mereceram confiança e ainda não merecem. Se testemunhas oculares sempre fizessem relatos historicamente precisos, não teríamos a necessidade de tribunais. Quando precisássemos descobrir o que realmente aconteceu quando um crime foi cometido, bastaria perguntar a alguém. Casos reais demandam muitas testemunhas, porque seus depoimentos diferem entre si. Se duas testemunhas em um tribunal divergissem tanto quanto Mateus e João, imagine como seria difícil chegar a um veredicto.

A verdade é que todos os Evangelhos foram escritos anonimamente, e nenhum dos autores alega ser uma testemunha. Há nomes ligados aos títulos dos Evangelhos (“o Evangelho segundo Mateus”), mas esses títulos são acréscimos posteriores aos próprios livros, conferidos por editores e escribas para informar aos leitores quem os editores achavam que eram as autoridades por trás das diferentes versões. Que os títulos não são originalmente dos Evangelhos é algo que fica claro com uma simples reflexão. Quem escreveu Mateus não o chamou de “Evangelho segundo Mateus”. As pessoas que deram esse título a ele estão dizendo a você quem, na opinião delas, o escreveu. Autores nunca dão a seus livros o título de “segundo fulano”. <sup>(26)</sup> (grifo nosso). <sup>(27)</sup>

#### d) Karen Armstrong (1944- ):

“Não sabemos quem escreveu os evangelhos. Quando apareceram, eles circularam anonimamente, e só mais tarde foram atribuídos a figuras importantes da Igreja primitiva. <sup>(28)</sup> Os autores eram cristãos judeus, <sup>(29)</sup> que escreviam em grego e viviam nas cidades helenísticas do Império Romano. Eram não somente escritores criativos – cada um com suas tendências particulares –, mas também redatores competentes, que editaram

24 RODRÍGUEZ, 2007, p. 65-66.

25 RODRÍGUEZ, 2007, p. 178.

26 Alguns críticos de um dos meus livros anteriores, sobre o problema do sofrimento, sugeriram deturpadamente que o título “O problema com Deus” na verdade deveria ser “O problema com Deus segundo Bart Ehrman” –, mas obviamente não é como eu mesmo chamaria o livro! (nota da transcrição)

27 EHRMAN, 2010, p. 118-120.

28 Fredricksen, *Jesus*, p. 19. (nota da transcrição).

29 Há uma crença muito difundida de que Lucas era gentio, mas não há prova incontestável disso. (nota da transcrição).

materiais anteriores. Marcos escreveu por volta de 70; Mateus e Lucas no final dos anos 80, e João no final dos anos 90. Os quatro evangelhos refletem o terror e a ansiedade desse período traumático. [...]. (grifo nosso). <sup>(30)</sup>

e) Juan Arias:

O último dos evangelhos, escrito por volta dos anos 90 d.C., é o de João, falsamente atribuído ao chamado “discípulo amado”, o único dos 12 do qual não se sabe se foi casado. Modernamente, no entanto, alguns autores, entre eles César Vidal, inclinam-se a aceitar a tese de que teria sido realmente escrito pelo apóstolo João. Para tanto, consideram a evidência de o evangelista aparecer como testemunha ocular de alguns fatos e que sua língua é o aramaico, embora escrevesse corretamente em grego.

César Vidal afirma que, mesmo que não fosse o apóstolo João, deveria tratar-se de algum discípulo muito próximo de Jesus. Seja como for, não se sabe ao certo quem é o autor desse evangelho, que é o mais diferente dos outros. Pode ter sido escrito pelo mesmo autor do Apocalipse. [...]. (grifo nosso). <sup>(31)</sup>

f) Paul Johnson (1928- ):

[...] o estudo dos textos escriturais, aplicando os novos métodos de análise histórica e com auxílio da filologia e da arqueologia, revelaram as Escrituras como uma coletânea de documentos muito mais complexa do que se havia imaginado até então – um assombroso composto de alegorias e fatos, a ser peneirado como qualquer outra peça de literatura antiga. (grifo nosso). <sup>(32)</sup>

g) Geza Vermes (1924- ):

[...] a opinião de que o assim chamado Evangelho de João é algo especial, e que reflete, não a autêntica mensagem de Jesus ou sequer o pensamento dos seus seguidores imediatos sobre ele, mas uma teologia altamente evoluída de um escritor cristão que viveu três gerações depois de Jesus e completou o seu Evangelho nos primeiros anos do segundo século d.C. Para o crente médio, o último Evangelho é naturalmente o melhor e o mais confiável dos quatro. [...]. (grifo nosso). <sup>(33)</sup>

[...] A segunda linha de defesa teve bom êxito e sobrevive até hoje. Ela apresenta João como o biógrafo supremo de Jesus, autor do Evangelho espiritual. Familiarizado com a obra dos seus predecessores, diz-se que ele evitou deliberadamente repetir a maioria das suas histórias, exceto o relato da Paixão, que se limitou a suplementar e enriquecer os seus registros com discursos inteiros atribuídos a Jesus, e em geral a desenvolver doutrinariamente e aperfeiçoar as suas narrativas.

Nenhuma leitura crítica dos quatro Evangelhos justifica tal compreensão de João. Pois é óbvio para qualquer leitor imparcial, sem viés religioso, que, se o Quarto Evangelho está certo, seus precusores têm de estar errados, ou vice-versa. Os Sinópticos e João não podem estar simultaneamente corretos, pois o primeiro atribui a Jesus uma carreira pública que dura um ano, ao passo que João a estende em dois ou três anos, mencionando duas ou possivelmente três celebrações da Páscoa consecutivas durante o ministério de Jesus na Galileia e na Judeia. Do mesmo modo, se for exata a datação de João da crucificação na *véspera* da Páscoa, isto é, em 14 Nisan, os Sinópticos, que descrevem a Última Ceia como um jantar de Páscoa e situam os acontecimentos que conduzem à execução em 15 Nisan, têm de estar errados. Ou para hebraizar e adaptar apropriadamente o provérbio inglês à situação da Páscoa judaica, não é possível guardar o pão ázimo e comê-lo! (grifo nosso). <sup>(34)</sup>

A mesma opinião majoritária considera a identidade do autor

30 ARMSTRONG, 2007, p. 71.

31 ARIAS, 2001, p. 47.

32 JOHNSON, 2001, p. 456.

33 VERMES, 2006a, p. 15-16.

34 VERMES, 2006a, p. 18.

indeterminável. Exceto pelo título: “segundo João”, que é ambíguo – que João? – e que somente mais tarde foi vinculado ao texto, o próprio Evangelho, do Capítulo 1 ao Capítulo 20, não menciona nenhum autor. No Capítulo 21, anexado por alguém que não era o evangelista (cf. Versículo 24), há uma tentativa de identificá-lo com “o discípulo amado de Cristo”, que se supõe tacitamente ser o pescador galileu João, filho de Zebedeu. (grifo nosso). <sup>(35)</sup>

#### h) Tom Harpur:

Nenhum dos Evangelhos chegou até nós trazendo os nomes de seus “autores” ou editores, e ninguém sabe ao certo quem foram seus “redatores” finais, [...]. (HARPUR, 2010, p. 25. grifo nosso).

O Evangelho de Marcos não faz segredo do fato de que os primeiros discípulos era pescadores iletrados. Às vezes, ele até os apresenta como pessoas meio estúpidas. A ideia de que qualquer um deles tenha ajudado a criar e escrever um novo gênero literário, o Evangelho, não pode ser verdadeira. Nenhum Evangelho foi escrito por uma testemunha ocular. S. Paulo, o mais antigo escritor do Novo Testamento, nunca se encontrou com Jesus histórico – só com o Cristo mítico.

Assim, ninguém sabe com certeza quem criou os Evangelhos, e em que data. É preciso lembrar que eles nunca foram “escritos” como se escreve um livro hoje em dia. São obras altamente “editoradas” que parecem ter sido compiladas a partir de coletâneas mais antigas de ensinamentos e, acredito, de mitos antigos e autos religiosos descritos nas “Religiões de Mistério” <sup>(36)</sup>. [...]. (grifo nosso). <sup>(37)</sup>

Os nomes Mateus, Marcos, Lucas e João não foram atribuídos originalmente aos Evangelhos canônicos, que só mais tarde passaram a ser chamados dessa maneira. A verdade é que não sabemos com certeza quem escreveu os Evangelhos em sua forma atual. (grifo nosso). <sup>(38)</sup>

#### i) Mariano Fernández Urresti (1962- )

Por fim, espera-nos o texto obscuro atribuído a um tal de João, de quem não se pode garantir que seja em absoluto o filho de Zebedeu e irmão de Tiago. [...] Os exegetas chegam a reconhecer que, ao estudar sua estrutura interna, pode-se pensar que ele foi redigido por várias mãos, o que negaria a paternidade de João “o filho do trovão”, pelo menos em sua exclusividade. Além disso, o fato de nesse Evangelho parece que Jesus fala para pessoas cultas, enquanto nos outros parecia dirigir-se a pessoas simples, dificulta ainda mais a ideia de que um pescador galileu seria capaz de dar foma a essas histórias. (grifo nosso). <sup>(39)</sup>

Essas opiniões não podem ser desprezadas, pois seria o mesmo que querer tapar o Sol com a peneira.

#### Conclusão

Qualquer pessoa, que não esteja dominada pela fé cega (ou contaminada pelo vírus do sectarismo), verá que as informações aqui levantadas são irrefutáveis. Elas apontam para autores dos Evangelhos como sendo indivíduos totalmente desconhecidos, que, nem com muito esforço dogmático, poder-se-ia dizer que foram inspirados, tantas as contradições, interpolações e adulterações que constam dos textos bíblicos.

35 VERMES, 2006a, p. 19.

36 Ver Tom Harpur: *The Pagan Christ* (Toronto: Thomas Allen, 2004, capítulo 9. (*O Cristo dos Pagãos*, publicado pela Editora Pensamento, São Paulo, 2008). (nota da transcrição)

37 HARPUR, 2010, p. 25-25.

38 HARPUR, 2010, p. 221.

39 URRESTI, 2014, p. 125.

E para confirmar o que estamos dizendo, transcrevemos da historiadora e advogada Paloma Sánchez-Garnica (1962- ), autora da obra *O grande Arcano*, a seguinte fala:

Assim tudo começou. A partir de então, surgiu uma profusão de ideias e de linhas de pensamento: as lutas e enfrentamentos foram numerosos, até que venceu uma dessas correntes; aquela fundada por Paulo e mantida pela corrente grega foi a que triunfou e se impôs ao restante; estabeleceu seu poder definitivamente no concílio de Niceia de 325 e afastou, destruiu, perseguiu ou considerou como hereges todos os que não estivessem de acordo com ela. Os textos originais dos Evangelhos foram alterados, porque era necessário adaptá-los à população a que eram dirigidos, uma população não judia, e sim romana, helenizada e com uma mentalidade distinta à dos judeus a quem Jesus havia se dirigido; sua verdadeira mensagem ficou em um segundo plano: valia tudo para aumentar o número de discípulos da nova religião.

A partir desse momento, ou se estava com a Igreja ou contra ela. Em poucos anos, os perseguidos passaram a ser perseguidores; e assim se passaram dois mil anos. (grifo nosso). <sup>(40)</sup>

Trazemos, para exemplificar, três passagens do Novo Testamento que não constam de manuscritos mais antigos.

a) Mc 16,9-12 (últimos doze versículos), confirmam: BARRERA, 1999, p. 497 ; CHAMPLIN, 2005a, p. 800-801; EHRMAN 2006, p. 76-77; JOHNSON, 2001, p. 38 e VERMES, 2006b, p. 353;

b) Jo 8,1-11 (caso da mulher adúltera), afirmam: BARRERA, 1999, p. 497. EHRMAN,, 2006, p. 73-74; JOHNSON, 2001, p. 38; e VERMES, 2006a, p. 231;

c) Mt 28,18-20 (citando Pai, Filho e Espírito Santo), mencionam: FLUSSER, 2001, p. 156; RODRÍGUEZ, 2007, p. 210 e VERMES, 2006b, p. 377-378;

Nesse último caso (item c), tudo nos leva a crer que o acréscimo teve como objetivo se justificar a instituição do dogma da Trindade, crença que ainda sobrevive na maioria das igrejas cristãs.

Portanto, a “verdade” que está na Bíblia, não representa outra coisa senão aquilo que os ditos “Pais da Igreja” quiseram que seus fiéis acreditassem que fosse, sem nenhum compromisso com a verdade dos fatos; antes, mais lhes interessavam o status de poder, notoriedade e dinheiro que os cargos da hierarquia da Igreja os proporcionam.

Podemos acrescentar, apenas por curiosidade, duas situações interessantes levantadas por Geza Vermes:

[...] Os habitantes do lugar chamado alternativamente de Gergesa, Gerasa ou Gadara rogaram-lhe polidamente que se afastasse do seu território. Sem dúvida, estavam ressentidos com a perda dos seus suínos, os quais, como ratos, arrojaram-se no lago e morreram, depois que – conforme as pessoas pensaram – Jesus permitiu que demônios exorcizados entrassem no rebanho local de porcos (Mc 5:11-17; cf. Mt 8:30-34; Lc 8:32-7). O local mais provável desse episódio é Gergesa, perto da margem oriental do lago. Variantes dos Manuscritos identificam a cidade como Gadara (Jerash). Mas se os suínos tivessem partido de qualquer um desses lugares, teriam tido de voar em vez de saltarem, se fosse para desembarcarem no Mar da Galileia. [...]. (grifo nosso). <sup>(41)</sup>

40 SÁNCHEZ-GARNICA, 2008, p. 428.

41 VERMES, 2006a, p. 198.

[...] A única ocasião em que se relata estar ele [Jesus] envolvido em escrever é na história da mulher surpreendida em adultério (Jo 8:8), uma passagem definitivamente não-autêntica do Novo Testamento, já que não aparece nos manuscritos gregos mais importantes. [...]. (grifo nosso). <sup>(42)</sup>

Acreditamos que esses dois pontos já são o suficiente para derrubar a tão propalada tese da “inerrância” da Bíblia. Não acrescentaremos nada mais; porém, recomendamos os nossos textos: Falhas da Bíblia “inerrante” ([clique aqui](#)) e Toda escritura é mesmo inspirada? ([clique aqui](#)), com os quais isso ficará sobejamente comprovado.

E para terminar, apresentamos, para dar uma visão geral, o que cerca de duas centenas de especialistas, entre exegetas e teólogos, reunidos no *The Jesus Seminar* (Seminário de Jesus), apresentaram como conclusão sobre o teor dos evangelhos:

[...] Os pesquisadores do SJ chegaram a concluir que apenas 18% (dezoito por cento) do total de palavras atribuídas a Jesus nos Evangelhos podem ser realmente consideradas autênticas e que apenas 16% (dezesesseis por cento) do total de ações a ele atribuídas nos Evangelhos podem ser, de fato, consideradas autênticas, ou seja, aproximadamente 82% das palavras e 84% das ações atribuídas a Jesus nos Evangelhos não são verdades históricas, mas crenças cristãs (cf. FUNK & THE JESUS SEMINAR, p. 1) (grifo nosso). <sup>(43)</sup>

Ficam aí essas informações para serem analisadas por aqueles que, usando do questionamento, procuram fazer seu nível de conhecimento crescer cada vez mais.

Paulo da Silva Neto Sobrinho  
Ago/2012  
(versão 9 – revisado set/2015)

---

42 VERMES, 2006a, p. 231.  
43 SOUZA, 2011, p. 67.

## Referências bibliográficas

- A Bíblia Anotada, 8ª edição, São Paulo: Mundo Cristão, 1994.
- A Bíblia Tradução Ecumênica – TEB, 1ª edição, São Paulo: Loyola; São Paulo: Paulinas, 1996.
- Bíblia de Jerusalém, nova edição, revista e ampliada, São Paulo: Paulus, 2002.
- Bíblia do Peregrino, edição brasileira, São Paulo: Paulus, 2002.
- Bíblia Sagrada, 37ª edição, São Paulo: Paulinas, 1980.
- Bíblia Sagrada, 3ª edição, São Paulo: Paulinas, 1977.
- Bíblia Sagrada, 5ª edição, Aparecida-SP: Santuário, 1984.
- Bíblia Sagrada, 68ª edição, São Paulo: Ave-Maria, 1989.
- Bíblia Sagrada, 8ª edição, Petrópolis, RJ: Vozes, 1989.
- Bíblia Sagrada, 9ª edição, São Paulo: Paulinas, 1957.
- Bíblia Sagrada, Edição Barsa, s/ed. Rio de Janeiro: Catholic Press, 1965.
- Bíblia Sagrada, Edição Pastoral. 43ª impressão. São Paulo: Paulus, 2001.
- Bíblia Sagrada, Edição Revista e corrigida, Brasília, DF: SBB, 1969.
- Bíblia Sagrada, s/ed. São Paulo: SBTB, 1994.
- Bíblia Shedd, 2ª Edição rev. e atual. no Brasil. São Paulo: Vida Nova; Brasília: SBB, 2005.
- Escrituras Sagradas, Tradução do Novo Mundo das. Cesário Lange, SP: STVBT, 1986.
- Novo Testamento, s/d, São Paulo: Loyola, 1982.
- ARIAS, J. *Jesus esse grande desconhecido*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.
- ARMSTRONG, K. *A Bíblia: uma biografia*. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.
- BARRERA, J. T. *A Bíblia judaica e a Bíblia cristã: introdução à história da Bíblia*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.
- CHAMPLIN, R. N. *O novo testamento interpretado versículo por versículo*. São Paulo: Hagnos, 2005a.
- DENIS, L. *Cristianismo e Espiritismo*. Rio de Janeiro: FEB, 1987.
- EHRMAN, B. D. *O que Jesus disse? O que Jesus não disse?: Quem mudou a Bíblia e por quê*. São Paulo: Prestígio, 2006.
- EHRMAN, B. D. *Quem Jesus foi? Quem Jesus não foi?* Rio de Janeiro: Ediouro, 2010.
- FLUSSER, D. *O judaísmo e as origens do cristianismo*. vol. II. Rio de Janeiro: Imago, 2001.
- HARPUR, T. *Transformando água em vinho: uma visão profunda e transformadora sobre os evangelhos*. São Paulo: Pensamento, 2010.
- JOHNSON, P. *História do Cristianismo*. Rio de Janeiro: Imago, 2001.
- RODRÍGUEZ, P. *Mentiras fundamentais da Igreja Católica, como a Bíblia foi manipulada*. Lisboa, Portugal: Terramar, 2007.
- SÁNCHEZ-GARNICA, P. *O grande Arcano*. Rio de Janeiro: Record, 2008.
- SOUZA, J. P. *Três maneiras de ver Jesus: a maneira histórica, a mítica literal e a mítica simbólica*. Fortaleza: Gráfica LCR, 2011.
- TRICCA, M. H. O. *Apócrifos: os proscritos da Bíblia*. Vol. I. São Paulo: Mercuryo, 1995a.
- URRESTI, M. F. *A face oculta de Jesus: os mitos egípcios e Maria Madalena, sua origem essênica e o mistério de Rennes-le-Château*. São Paulo: Madras, 2014.
- UR-RAHIM, M. *Jesus, um profeta do Islão*. Lisboa, Portugal: Editorial Al Furqán, 1995.
- VERMES, G. *As várias faces de Jesus*. Rio de Janeiro: Record, 2006a.
- VERMES, G. *O autêntico evangelho de Jesus*. Rio de Janeiro: Record, 2006b.
- <http://www.estudosedabiblia.net/bd75.htm>, acesso em 05/08/2012, às 18:38hs.